

AMBIENTE E OCUPAÇÃO HUMANA EM UMA REGIÃO DO SUB-MÉDIO SÃO FRANCISCO, BAHIA

Carlos Etchevarne

Resumo

Os estudos efetuados em um setor do curso médio do rio São Francisco, especificamente aquele afetado pela barragem de Itaparica, tem permitido entender alguns aspectos da forma da apropriação do ambiente por parte das populações indígenas, anteriores à chegada dos colonizadores europeus. A pesar de se tratar de uma área de domínio da caatinga, existem unidades ambientais marcadamente diferenciadas, proporcionando cada uma condições de adaptação próprias. Os estudos abordaram também os efeitos do intemperismo sobre os sítios arqueológicos encontrados em cada uma dessas unidades ambientais, posto que os agentes naturais atuaram diferentemente sobre elas.

Abstract

Studies effected in a sector of the medium course of the San Francisco river, specifically the one influenced by the Itaparica dam have contributed to the understanding of some aspects of the environmental appropriation by indigenous populations prior to the arrival of European colonizers. Although this is a Caatinga area, there are significantly different environmental units, each one furnishing unique adapting conditions. The studies also addressed the effects of intemperism on the archaeological sites found in each one of these environmental units, for natural agents act differently on them.

Considerações gerais

Os resultados alcançados através dos estudos realizados nos sítios arqueológicos do Projeto de Salvamento Arqueológico Itaparica do São Francisco (PSAI) ensejam algumas reflexões acerca do processo de ocupação humana e do aproveitamento dos recursos naturais da caatinga vinculada ao rio São Francisco, em período anterior à colonização portuguesa.² O PSAI foi desenvolvido na área que foi atingida pela construção da barragem hidroelétrica, tratando-se, por isso, de zonas ribeirinhas e ilhas que ficariam por baixo da quota de inundação (300 m sobre o nível do mar) e que se estendiam por aproximadamente 100 km de margens.³

Tratando-se de uma região semi-árida no norte do estado da Bahia, inserida no chamado “polígono das secas”, a paisagem dominante é de caatinga, cobertura vegetal adaptada às condições difíceis típicas do clima semi-árido: altas temperaturas, balance pluviométrico deficitário e índice de evapotranspiração elevado.⁴ Sob estas condições ecológicas, as populações que ali se instalaram deveriam construir sistemas adaptativos, considerando, em primeiro lugar, os recursos potencialmente disponíveis na região, em especial uma fonte de água permanente. Nesse sentido, o rio São Francisco, que atravessa um vasto território de caatinga, constitui, no seu curso submédio, a única reserva contínua não somente d’água, mas também de outros recursos, como os protéicos, indispensáveis para a subsistência de um grupo humano. A dependência vital deste rio, do ponto de vista da reprodução biológica de uma comunidade, justificaria suficientemente a elaboração de um sistema simbólico que colocaria o São Francisco como eixo referencial de toda a rede de relacionamentos sociais, espaciais, mítico-religiosos, econômicos e de qualquer outro aspecto de ordem cognitiva, assim como é constatado, ainda hoje, entre os índios Tuxá, de Rodelas.⁵

Embora os objetivos últimos da pesquisa arqueológica sejam alcançar esse nível de conhecimento das culturas estudadas, a concretização deles nem sempre é possível. Em nosso trabalho, especialmente, tivemos que nos submeter às condições restritivas impostas pelo tipo de vestígios e pelas circunstâncias específicas da pesquisa, limitando-nos a identificar algumas soluções adaptativas, em nível de cultura material, logradas pelas populações sanfranciscanas, em um período que se inicia aproximadamente há 3.200 anos BP e que termina pouco antes da chegada dos colonizadores europeus à área, isto é, meados do século XVII (Regni, 1988:111).

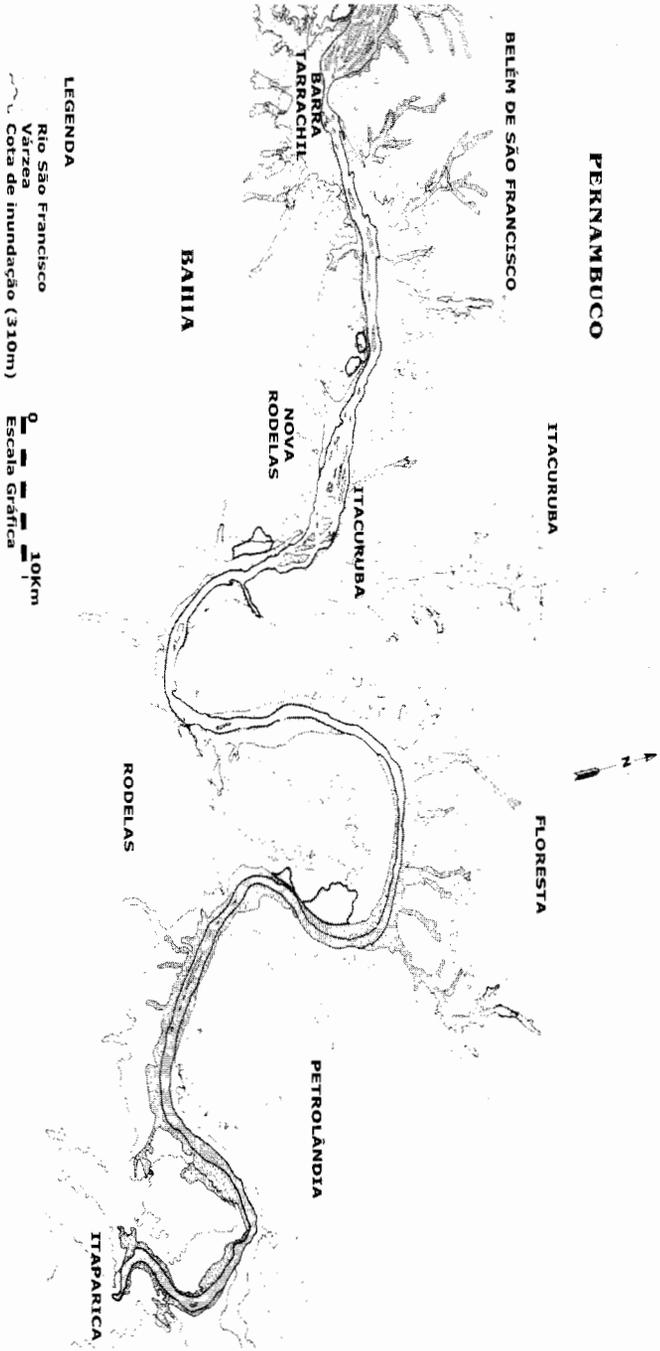


Figura 01

Em termos espaciais, os limites da área impostos à pesquisa pela construção da barragem de Itaparica ficaram incluídos, em linhas gerais, nos marcos territoriais de um programa de estudos mais amplo, que considerava os diferentes momentos de ocupação pré e pós-colonial, sobre o curso do submédio São Francisco. Dessa maneira, nosso trabalho enquadrou-se nessa problemática, contribuindo para o conhecimento dos processos históricos que se desenvolveram na região.⁶

Para entender a maneira como as populações sanfranciscanas fizeram uso do ambiente instalando-se à beira do São Francisco, torna-se necessário descrever as especificidades ecológicas da região de caatinga e das áreas marginais deste rio. O contraste entre as férteis planícies de inundação e a paisagem circundante aparece eloqüentemente descrito num trecho de um relato de viagem realizado, no início do século XIX, por dois naturalistas alemães, Johann B. von Spix e Carl F.P. von Martius, quando atravessavam a caatinga sanfranciscana à altura da cidade de Juazeiro:

“A região era seca e parecia morta (...). O sol poente dessa tarde de 30 de março tingia de púrpura as copas do arvoredo, quando, meia hora antes do termo de nossa viagem, passamos, sem transição, de um solo árido e estéril para um fértil e viçoso terreno, coberto de um tapete verde de gramíneas e flores. Acolheram-nos frescos aromas de floridas acácias, alcaparreiras, *Maris* (*Geoffroya spinosa* L.) carregados e frutos cor de ouro, uma *Convolvócea* arbustiforme de flores grandes, já anunciando a proximidade do rio benfazejo; então, a paisagem descortinou-se, e o majestoso rio São Francisco resplandeceu, ondulando placidamente...” (J. Spix e C. Martius, 1981:218).

A impressão visual do registro desses naturalistas reflete eloqüentemente a dicotomia existente na paisagem e o papel importante do rio nesse ambiente semi-árido. No domínio da caatinga, os solos são pobres, o clima é seco, com índices pluviométricos anuais muito baixos que se concretizam através de chuvas torrenciais, concentradas em um período curto de dois ou três meses. As temperaturas, por sua vez, são altas (com médias de 28 °) e produzem níveis de evaporação elevados, afetando a constituição de solos e determinando a formação da cobertura vegetal típica: a caatinga. Adaptada a estas condições, a flora apresenta espécies xerófilas, que perdem totalmente a folhagem na longa estação seca, recuperando-a, porém, rapidamente, no início da estação úmida (finais de janeiro ou começo de fevereiro). As espécies faunísticas acompa-

nham esta dinâmica sazonal, regulando seu ciclo reprodutivo e de metamorfoses.

Esta situação muda nas proximidades do São Francisco, onde, nas suas margens e ilhas, formadas por solos férteis de natureza aluvio-coluvional, prosperam espécies vegetais nativas, especialmente as árvores que se mantêm verdes durante todo o ano: juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), quixabeira (*Bumelia sartorium*), umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), entre outras. Aqui também se concentra um maior número de espécies animais, somando-se às terrestres e aéreas as de ambiente fluvial, especificamente as ictícas. Excluindo as várzeas sanfranciscanas, só nas beiras dos riachos temporários encontram-se fileiras de árvores que se mantêm verdes por mais tempo, especialmente as craibeiras (*Tubeuia caraiba*). É, portanto, no conjunto floro-faunístico que margeia o rio São Francisco onde devem ser procuradas as condições propícias para a instalação humana.

As variações ambientais como unidades de análises

Nessa situação dicotômica mencionada acima, aparecem variações ambientais que constituem unidades marcadamente diferenciadas, representando, pelo menos, quatro alternativas de habitat para as populações pré e pós-coloniais se estabelecerem. Assim, puderam ser distinguidos os grupos de dunas, os abrigos de pé-de-serra, os tabuleiros e as várzeas, todos os quatro ambientes com alguns recursos comuns e outros exclusivos.

Os sítios arqueológicos encontrados em cada uma dessas unidades ambientais são testemunhos de instalações específicas e aproveitamento preferencial de certos recursos naturais. Os exemplos de sítios em cada uma delas, considerados como sítios referenciais por terem sido sistematicamente trabalhados (Surubabel, Itacoatiara I, Tapera Velha e Sítio do Guga), apresentaram um total de dados suficientemente elucidativos sobre o conjunto de atividades de um grupo humano que escolheu viver, mais ou menos transitoriamente, ou acampar, em uma ou outra dessas unidades ambientais. Por outro lado, alguns casos peculiares de comportamento social foram apontados em certos sítios, complementando o quadro de referências sobre os grupos humanos, como no sítio Aldeia do Vinho, por exemplo, onde se encontraram enterramentos com acompanhamento funerário (MAE/UFBA, 1989:30)

Os sítios pesquisados refletem, ainda, a ação dos agentes intempéricos e antrópicos na conservação ou destruição dos vestígios culturais de populações pretéritas. A intervenção destes agentes manifestou-se também de forma diferenciada nas quatro unidades ambientais mencionadas. Os efeitos erosivos das chuvas de enxurradas, típicas da região de caatinga, provocaram danos irreparáveis às várzeas e aos tabuleiros, arrastando solos de ocupação ou cavando canais de drenagens, de diferentes profundidades e larguras, alterando os relevos topográficos e, conseqüentemente, as estruturas dos sítios neles inseridos, como acontece no sítio do Guga, por exemplo.

Nas dunas e nos abrigos de pé-de-serra a situação é diferente. No primeiro caso, a natureza do solo, não compactado e altamente permeável, amortece o impacto das chuvas e não permite a formação de redes de drenagens como nos casos anteriores. Já nos abrigos, a proteção oferecida pelas paredes rochosas impede a ação erosiva das precipitações, principal agente intempérico de destruição, sobre os solos naturais e arqueológicos.

Por outra parte, a ação antrópica tem provocado impactos de grande magnitude a partir da consolidação do processo colonial, iniciado no século XVII, e sobretudo com a expansão da sociedade nacional a partir do século XIX. Da mesma maneira que com os agentes intempéricos, a ação humana interveio mais, e de forma radical, nas áreas de várzeas, hoje amplamente utilizadas para o cultivo. As várzeas foram sendo ocupadas paulatinamente por populações de origem européia e africana, formando-se povoados e propriedades rurais destinados essencialmente à atividade pecuária. Mas é já a partir da metade do século XX, com a instauração de uma agricultura intensiva destinada ao mercado regional, que se produzem os maiores prejuízos nesta unidade ambiental, em termos de vestígios arqueológicos.

Os tabuleiros, por sua vez, foram ocupados excepcionalmente por populações coloniais ou pós-coloniais, limitando-se a instalações nas proximidades destes com o rio São Francisco, como acontece no sítio Tapera Velha. Já nos abrigos de pé-de-serra, como no caso dos sítios Itacoatiara I e V, a superposição de estratos arqueológicos demonstra que as sucessivas ocupações não provocaram alterações substanciais nos solos preexistentes, sejam eles arqueológicos ou naturais (MAE/UFBA 1989:31).

As dunas, por sua vez, apresentam vestígios, unicamente em superfície, com arranjos espaciais que correspondem, aproximadamente, àqueles da última ocu-

pação humana. Por outro lado, as dunas parecem ter sido excluídas do processo de ocupação colonial, e se excetuamos o exemplo do sítio do Jacó, setor do Ninho, e provavelmente um setor periférico do sítio Porto da Missão, não existem comprovadamente vestígios de utilização recente destes relevos dunares. Esta exclusão pode estar justificada porque os conjuntos de dunas não oferecem recursos condicentes com o tipo do sistema produtivo introduzido pelos europeus (Etchevarne 1991:184).

Como resultado da intervenção diferenciada destes agentes, apresenta-se um quadro de informações arqueológicas que varia com o grau de alteração das unidades ambientais e, conseqüentemente, com o estado de preservação dos vestígios culturais nelas inseridos. Portanto, sendo as dunas e os abrigos de pé-de-serra os espaços ecológicos mais bem conservados, foram eles que proporcionaram maior quantidade e variedade de dados arqueológicos.

Os sítios dunares

Os ocupantes das dunas utilizaram certos setores dessas unidades ambientais, caracterizados topograficamente por terem superfícies aplainadas e com relativa horizontalidade (declive menor de 4 graus). Todos os conjuntos dunares encontrados na região de Itaparica, ou seja, Porto da Missão, Outeiro, Jacó, Surubabel, Volta do Rio e Cabeça do Boi, apresentavam cerâmica e material lítico lascado de grande semelhança, sendo possível, por isso, estabelecer uma filiação cultural entre eles. A cerâmica, especialmente, serviu como diagnóstico para se pensar que os povos que a produziram pertenceriam aos grupos ceramistas de origem Tupi, que teriam se internado ao longo do São Francisco; ou, em melhor hipótese, a grupos sanfransiscanos tupinizados, ou seja, que teriam recebido sua influência no que se refere à tecnologia ceramista. De qualquer forma, com base nos vasilhames cerâmicos, pode-se atestar a presença de grupos consumidores de mandioca, haja vista a ocorrência de formas de recipientes apropriados para a preparação e o consumo deste tubérculo, como, por exemplo, os assadores.

Quanto à organização espacial do habitat, pode ser identificado em cada complexo dunar a presença em superfície de concentrações de material, que denominamos manchas arqueológicas, marcando claramente uma diferenciação de áreas ou setores. Dentro de cada um deles observa-se igualmente uma distribuição diferenciada. Assim, temos, em geral, um sítio com vários setores que,

por sua vez, apresentam um subsetor principal, com maior concentração e variedade de vestígios, e outros setores secundários, com material mais disperso e menos variado (lítico lascado, geralmente), comprovando o desenvolvimento de diversas atividades, espacialmente determináveis, durante a permanência de um grupo no local. Não obstante essa evidente separação espacial, a homogeneidade do material encontrado entre os setores e a ausência de estratigrafia não permitiram reconhecer a variação diacrônica interna dos sítios ou a relativa entre cada um deles.

Duas datações radiocarbônicas, no entanto, permitem estabelecer pontos de referência cronológicos concretos. As duas foram obtidas a partir de amostras de carvão de fogueiras de dois sítios, distantes aproximadamente 20 km entre si: sítio Surubabel (setor Paraíso) e sítio Jacó (setor Pierre). No primeiro caso, a datação correspondeu a 810 +/- 150 BP (UFBA 1595) e, no segundo, a 814 +/- 61 BP (UFC ZF622), o que indica uma certa contemporaneidade de ocupações entre os dois sítios.

Conforme o material encontrado, os espaços dunares parecem ter sido utilizados fundamentalmente como locais de habitação, com eventual utilização para funções rituais de caráter funerário, como pode ser observado no setor Paraíso do sítio Surubabel (Etchevarne, 1991:73). As características do ambiente dunar teriam exigido, aos seus habitantes, a procura dos outros recursos para a subsistência, em especial os alimentares, em lugares próximos, sobretudo nas várzeas. Efetivamente, se excetuarmos a exploração de algumas alternativas alimentares, como a caça de alguns répteis ou a coleta ocasional de mel de abelhas, as dunas não ofereceram recursos verdadeiramente significativos aos povos que as ocuparam.

Sítios sob abrigo (Pé-de-serra)

O sítio Itacoatiara I, exemplificando as instalações humanas sob abrigo, apresenta uma seqüência de 5 ocupações, delimitadas cronologicamente por fogueiras, abarcando um período que inicia em 2.290 anos +/- 170 BP (UFBA 1529) e chega até 420 anos +/- 160 BP (UFBA 1525) (MAE/UFBA 1989: 32). Cabe notar que neste sítio aparecem vestígios cerâmicos, de feitura simples, desde a primeira fase de ocupação, fato que, convém ressaltar, coincide com outro momento ceramista em outro sítio sob abrigo, Gruta do Padre, sobre o lado pernambucano (Calderón 1983: 49)

Fragmentos cerâmicos decorados por técnica de escovado são também registrados em Itacoatiara I, aparecendo tardiamente numa faixa cronológica correspondente a 570 anos+-170 BP (UFBA 1531) e 420 anos +- 160 BP (UFBA 1525). Este mesmo tipo de decoração foi encontrado também na Ilha de Surubabel, nas urnas dos enterramentos próximos às ruínas da igreja da antiga missão, correspondentes ao período de contato, ou seja, ao século XVII (Caldas, 1991:149) . A técnica do escovado continuará a permanecer em vigência nos padrões ceramistas hodiernos, constituindo aquele de maior representatividade na região, seja no grupo Tuxá ou nos não indígenas.

Além dos restos de cerâmica e do abundante material lítico lascado, Itacoatiara I proporcionou informações sobre o aproveitamento de alguns recursos biológicos. Foram encontrados restos de vegetais e de animais de pequeno porte, usados possivelmente para alimentação, sugerindo assim que os grupos ocupantes do sítio praticavam a caça e a coleta para a captação de recursos alimentares (MAE/UFBA, 1989: 59).

O abrigo foi utilizado também desde os primeiros momentos de ocupação para representações rupestres gravadas, que, pelo tipo de traços e dos motivos (um estilo retilíneo e outro de motivos vulvares), podem ser associadas a outros sítios com grafismos do Nordeste brasileiro. Na mesma região de Itaparica, sobre a margem pernambucana, por exemplo, foi localizado o sítio Letreiro do Sobrado que apresenta os mesmos tipos de grafismos (Martin e Rocha 1989: 474). As gravuras de Itacoatiara são, até o presente, as de maior antiguidade na região de Itaparica.

Tal qual os sítios dunares, os abrigos serviram, essencialmente, como espaços habitacionais, proporcionando excelente proteção dos agentes intempéricos e suporte para os grafismos gravados. A proximidade do rio São Francisco e a vinculação imediata com as várzeas indicam a possibilidade de uma exploração articulada das duas unidades de ambientes.

Os sítios sobre tabuleiros

Os tabuleiros foram espaços ecológicos destinados principalmente para a captação de recursos, em especial da caça e da coleta, ou para a obtenção de madeiras para combustão e estruturas habitacionais. Nesse sentido, os registros etnográficos proporcionados pelos índios da região atestam as pos-

sibilidades do aproveitamento destas unidades ambientais. Desde o ponto de vista petrológico, alguns afloramentos do embasamento, ocorrentes nos tabuleiros, constituíram fontes petrológicas para a obtenção de blocos destinados a trepes, pilões, pedras de moer e elementos de sustentação de habitações.

Cabe destacar, ainda, outra forma de aproveitamento dos tabuleiros por parte de grupos pré-coloniais. Efetivamente, foi constatado que, em algumas áreas onde os tabuleiros se aproximam do rio formando barrancos, eles serviram também para a instalação de moradias, acampamentos temporários ou, então, como local de oficina lítica (MAE/UFBA, 1989:25). A ocupação humana pós-colonial parece ter seguido o mesmo tipo de critério de localização para instalação de unidade residencial, como o exemplo do sítio Tapera Velha, que correspondia a uma pequena moradia rural, em pau-a-pique, pelo menos da segunda metade do século XIX.

Sítios de várzeas

Nas várzeas, as populações sanfranciscanas encontravam as melhores condições para sua instalação, posto que nelas havia a disponibilidade maior dos recursos de subsistência. Atividades de pesca, caça, coleta e algum tipo de horticultura podiam ser facilmente desenvolvidas, assim como outras ligadas à produção de instrumentos líticos e vasilhames cerâmicos, haja vista o número e a proximidade de fontes de matéria-prima. Não obstante, estas populações pré-coloniais ficavam expostas ocasionalmente aos efeitos do aumento extraordinário do nível do rio e, também, às possíveis incursões de povos inimigos. Efetivamente, salvo alguns exemplos excepcionais, as várzeas não ofereciam condições estratégicas de defesa.

O sítio do Guga, localizado sobre um barranco em grande parte erodido, é testemunha da forma de aproveitamento dos sítios sobre várzeas. Encontramos nele três ocupações diferentes, sendo as duas primeiras pré-coloniais e a última pós-colonial recente. A mais antiga foi datada em 3.240 +/- 180 anos BP (UFBA 1599), seguindo-se-lhe outra com pouca diferença cronológica correspondente a 3.120 +/- 170 BP (UFBA 1597) (MAE/UFBA, 1989:30). Uma separação feita por um depósito de sedimentos aluvionais entre uma e outra poderia marcar um episódio de abandono e reocupação do local, causado talvez pela irrupção de um evento extraordinário, como poderia ser uma enchente. A localização de algumas estruturas de combustão em posições parecidas em

ambas as ocupações, como se indicassem espaços funcionalmente determinados, poderia apoiar esta hipótese. A separação entre a segunda ocupação registrada e a mais recente (talvez do século XIX) também tem uma separação feita por uma camada de sedimentos, porém de menor espessura que a anterior.

A produção de artefatos

Visto que o material arqueológico é entendido como indicador de conhecimento alcançado por um grupo na procura coletiva de respostas aos condicionantes ambientais, podemos dizer que os restos materiais encontrados permitem-nos estabelecer, pelo menos em linhas gerais, um quadro básico centrado fundamentalmente no material cerâmico e lítico, no qual foram considerados aspectos tecnológicos.

A cerâmica tem seu primeiro registro, na região, a partir de 2.290 +/- 170 anos BP (UFBA 1529), em um sítio sob abrigo, Itacoatiara I. Cronologicamente concomitante, do lado pernambucano do rio, outro sítio sob abrigo, Gruta do Padre, também registra cerâmica aproximadamente a partir desta data. Em ambos os casos, trata-se de poucos fragmentos de cerâmica simples e sem decorações.

Sítios com vestígios cerâmicos abundantes, as dunas apresentam o segundo marco de referência importante para este material. A quantidade de fragmentos encontrados nos diferentes sítios permite reconstruir uma indústria de produção cerâmica bastante padronizada, que utilizava o roletado como técnica construtiva. Nesta indústria predominam os recipientes não decorados, apenas alisados, de formas esferoidais ou elipsoidais, baixos e achatados, com abertura de diâmetro grande e com bordas predominantemente diretas. Nos fragmentos decorados, numericamente inferiores aos não decorados, pode ser observada a popularidade dos motivos roletados, incisos e corrugados sobre outros de menor representatividade (escovado, ponteados e pintados).

Certas formas dos vasilhames remetem a atividades econômicas de alimentação associadas a grupos consumidores de mandioca, ou seja, a populações de horticultores. Não foi possível estabelecer, em função dos achados, a importância que este tubérculo tinha na dieta alimentar dos grupos duneiros. Mas sabemos que as condições de adaptação dessa raiz, de origem amazônica (floresta

tropical úmida), não teria sido um impedimento para seu cultivo no domínio do semi-árido. Estudos de economia regional e informações etnográficas comprovam que a constituição dos solos dessas várzeas podem sustentar grande produção de mandioca com técnicas manuais tradicionais.

De qualquer modo, nos sítios dunares o material cerâmico permite constatar a presença de populações de cultivadores de mandioca, associadas a produtores de uma indústria cerâmica tecnicamente bem construída e com um certo grau de elaboração de padrões decorativos. Estas populações têm sua passagem registrada em período aproximado entre 810 +/- 150 BP (UFBA 1595) e 814 +/- 61 BP (UFC ZF622).

Uma terceira referência temporal para a cerâmica foi proporcionada também pelo sítio Itacoatiara I. Neste sítio, uma produção que utilizou como técnica decorativa o escovado, inicia-se no momento de suas últimas ocupações, ou seja, entre 570 +/- 170 BP (UFBA 1531) e 420 +/- 160 BP (UFBA 1525). Embora o escovado fosse utilizado de forma restrita pelas populações duneiras, parece ser a partir do sítio Itacoatiara I que se instaura uma continuidade de ocorrência, registrando-se nos primeiros períodos de contato indígena-português e chegando até nossos dias.

Com relação às fontes de matéria-prima utilizada para a confecção dos recipientes cerâmicos, a abundância de argilas de composição semelhante, em depósitos muito próximos a superfície, em toda a área, permite pensar que os artesãos ceramistas faziam uso de vários locais, devendo preferenciar, naturalmente, aqueles próximos à sua residência. As argilas, que correspondem ao tipo montmorillonita, são aptas para a fabricação de cerâmica de boa qualidade, contendo ainda inclusões naturais de grãos de quartzo, que foram deixados proposadamente na pasta servindo como antiplástico.

Uma seleção dos grãos, em função do tamanho, deve ter sido realizada, retirando-se os maiores e deixando-se os grãos menores. Esta prática pode ser comprovada nos sítios sobre dunas, por exemplo. Nos fragmentos cerâmicos com motivos decorativos incisos pode-se verificar que foram retirados os grãos que por seu tamanho pudessem prejudicar o bom traçado das linhas incisivas que formavam os motivos. O mesmo não acontece com os fragmentos decorados pelas técnicas de roletado ou de corrugado, em que se mantêm grãos maiores.

No campo das indústrias líticas, apresenta-se um quadro cultural relativamente

homogêneo. O lascamento da pedra para a confecção de instrumentos foi amplamente utilizado em todo o período compreendido em nosso estudo, embora a presença, nos sítios dunares, de poucos exemplares de lâminas de machados polidos excetue de pensar em termos absolutos um universo lítico produzido por lascamento. A predominância numérica dos artefatos lascados indica que esse tipo de procedimento teve um amplo emprego em toda a região até pouco antes da colonização e, talvez, ainda em momentos da expansão colonial.

As fontes de matéria-prima para a confecção desta indústria podem ser encontradas nos bancos de seixos que se estendem por quase toda a margem do rio, formando verdadeiros tapetes líticos. Tal disponibilidade redundou numa utilização quase absoluta do seixo como matriz da indústria. Efetivamente, foi reconhecido, em todos os sítios estudados, que tanto as lascas brutas, retocadas ou residuais quanto os instrumentos eram originados a partir de um núcleo de seixos.

O seixo apresentava grandes vantagens para o homem pré-colonial, reduzindo sobremaneira seu trabalho. O artesão podia escolher o tamanho e a qualidade da rocha de que precisaria para um instrumento, em um mesmo local, sem esforço para a sua extração. O seixo ainda permitia ser transportado até o local de lascamento ou armazenado nos habitats residenciais. Em alguns casos, como no sítio Cartaxo, onde seixos de grande tamanho formavam uma grande concentração na beira do rio, eles eram lascados no local e, retiradas as lascas que iriam ser aproveitadas, deixavam os seixos matrizes no mesmo lugar.

Os tipos de matéria-prima podiam ser selecionados a olho nu pelas características macroscópicas de seu córtex, sendo que as qualidades de rochas mais utilizadas foram o quartzo leitoso, o quartzito e as rochas silicosas, classificadas como silexitos maciços, bandados e nodulares.

Os instrumentos foram confeccionados preferentemente sobre lascas. Em todos os momentos de ocupação em que foram registrados nos sítios da área, foram raros os casos em que o suporte era uma lâmina. Acreditamos que esta preponderância esteja condicionada pelo tipo de núcleo utilizado, ou seja, o seixo, que dificulta a obtenção de elementos laminares. Existem também, no setor Paraíso, casos de núcleos reaproveitados como suporte de instrumentos, embora sejam exemplos pouco freqüentes se comparados aos suportes de lascas.

Em toda a cadeia operatória, o artesão aplicou preferentemente a técnica de fatiamento para a obtenção de lascas, o que determinou a morfologia destas últimas: circulares ou semicirculares, ovais ou semi-ovais e triangulares. Como conseqüência, esta modalidade operacional também condicionou as formas dos instrumentos, existindo uma tendência a apresentarem os bordos ativos convergentes e convexos ou semicirculares.

Em todas as etapas da preparação de instrumentos, a técnica utilizada foi a percussão direta aplicada, no geral, unipolarmente. Não obstante, existem alguns exemplos, especialmente nos objetos de quartzo, em que pode ser observada a utilização de percussão realizada de maneira bipolar. Nos retoques também foi às vezes empregada a técnica bipolar em certos objetos, de qualquer tipo de matéria-prima.

Os artefatos distinguem-se por serem unifaciais, trabalhados geralmente sobre a face externa da lasca, ocorrendo apenas alguns raspadores que apresentam retoques em ambas as faces. Os retoques, por sua vez, são escaniformes e curtos, formando ângulos semi-abruptos e abruptos nas partes terminais e laterais das peças. Os instrumentos com bordos ativos semicirculares chegam a ser os únicos que têm uma certa representatividade numérica, o que permite considerá-los como os mais característicos do conjunto.

Contudo, esta indústria não apresenta verdadeiramente instrumentos diagnósticos específicos, observando-se sobretudo particularidades de ordem processual no trabalho do seixo, como mencionado acima. É justamente em função dos resultados desses procedimentos de talhe e retoque que se pode determinar uma delimitação tipológica dos objetos líticos, os quais teriam uma distribuição em toda a área do projeto que estaria compreendida temporalmente no período estudado por nós. Cabe ainda destacar que, pelo que se conhece da indústria lítica da Tradição Itaparica estabelecida para esta região para um período cronologicamente anterior, não parecem existir elementos que comprovem uma continuidade nos padrões de confecção de instrumentos.

Completando o quadro de formas de aproveitamento dos recursos petrológicos, observou-se que os afloramentos de rochas do embasamento, de natureza diferente daquela dos seixos, foram empregados em diversos usos de caráter doméstico, especialmente como pilões, pedras de moer, pedras de fogueiras e suportes de estruturas habitacionais. Outros afloramentos, de constituição arenítica, foram aproveitados como suporte de representações gráficas, nas

quais podem-se observar três tipos de grafismos gravados. O primeiro consiste, fundamentalmente, em motivos lineares verticais, inclinados e horizontais, formando séries de segmentos verticais, pentiformes e tridátilos.

Em Itacoatiara I, este tipo de gravura está presente desde os primeiros momentos de ocupação, ou seja, 2.290 +/- 170 BP (UFBA 1529), que corresponde à mais antiga datação de representações gráficas rupestres. Outro tipo está composto por figuras circulares e ovoidais de caráter vulvar, acompanhadas de pontos côncavos (sítio Pedra da Moeda), e o terceiro apresenta motivos lineares, combinando figuras retas e curviformes que aludem, em alguns casos, a zoomorfos (sítio bebedouro das Pedras). Estas manifestações são freqüentes no Nordeste brasileiro, dando nome a uma classificação de representações gráficas gravadas, denominadas Itacoatiaras.

Com relação à utilização dos recursos floro-faunísticos, os sítios arqueológicos pouco ofereceram em termos de vestígios. Somente em Itacoatiara I, Surubabel (setor Paraíso), Cabeça do Boi e Aldeia do Vinho o achado de alguns restos de animais e vegetais sugere atividades da economia alimentar voltadas para a caça e a coleta. No entanto, o aproveitamento efetivo de toda a gama de espécies da flora e da fauna nativas, por parte das populações pré-coloniais, pode ser deduzido a partir dos dados etnográficos, proporcionados por viajantes e pesquisadores dos séculos XIX e XX sobretudo, que visitaram ou estudaram os grupos indígenas da região. Apoiados nessas informações, podemos pensar que as espécies vinculadas ao rio São Francisco devem ter sido as mais aproveitadas pelos grupos humanos, podendo recorrer-se a elas durante a maior parte do ano. Em outros momentos, as populações sanfranciscanas poderiam fazer uso das espécies próprias da caatinga, especialmente durante a estação mais úmida, complementando uma dieta alimentar que deveria estar baseada fundamentalmente nos produtos provenientes do rio.

A chegada dos colonizadores, missionários capuchinhos e jesuítas, mas sobretudo as frentes pastoris, em meados do século XVII, irrompem de maneira radical nesses modos de aproveitamento do ambiente dos grupos sanfranciscanos, transformando substancialmente os sistemas adaptativos construídos e, inclusive, substituindo a população autóctone. Os grupos indígenas remanescentes, em especial os Tuxá de Rodelas, testemunham perfeitamente este processo de transformações acontecido.

Enfim, acreditamos que as condições limitantes à instalação humana, impos-

tas pelo ambiente de caatinga, eram mitigadas nas imediações do São Francisco. Por isso, as margens do rio foram cenário da passagem de diferentes grupos humanos, constituindo um verdadeiro corredor migratório em meio a um território semi-árido que vinculava o interior ao litoral da região Nordeste. Tanto as várzeas e ilhas como as dunas, tabuleiros e abrigos de pé-de-serra próximos ao rio foram os locais que as populações pré-coloniais tiveram à disposição para desenvolver dispositivos adaptativos próprios. Nesses ambientes ligados ao rio desenvolveram-se, em período anterior à presença dos portugueses, processos sociais de contatos, pacíficos ou não, com as conseqüentes perdas e aquisições de traços culturais que conformaram um quadro cultural que, do ponto de vista da arqueologia, tentamos, em parte, desvendar como contribuição para a história dessa região.

Referências bibliográficas

- CALDAS, Alberto L. (1991): Análise da cerâmica funerária da Ilha de Sorobabel, Itacuruba -PE. *Clio* N.º 4. *Série Arqueológica. Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro*. UFPE. Recife.
- CALDERÓN, Valentin (1983): *Estudos de Arqueologia e Etnologia*. UFBA. Salvador
- ETCHEVARNE, Carlos (1991); Sítios dunares: contribuição à arqueologia do SubMédio São Francisco. Dissertação de mestrado. USP.
- HIDROSERVICE (1987) *Estudos ambientais: diagnóstico ambiental da área de influência do empreendimento usina hidrelétrica de Itaparica* Tomo II. São Paulo.
- MAE/UFBA (1989). *Projeto de Salvamento Arqueológico Itaparica do São Francisco. Relatório Final. Vol 1. Arqueologia*. UFBA. Salvador.
- MARTIN, Gabriela. e Rocha J. (1989). O abrigo Letreiro do Sobrado, Petrolândia Pernambuco. *Dédalo (Publicação Avulsa)*. USP. São Paulo
- REGNI, Pietro V. (1988) . *Os Capuchinhos na Bahia. Vol. 1*. Convento da Piedade. Salvador.
- SPIX, J. B. e Martius C.F.P. (1981). *Viagem pelo Brasil: 1817-1820. Vol 2*. Itatiaia/EDUSP/ B.Horizonte/São Paulo.

Notas

Carlos Etchevarne - Departamento de Antropologia - FFCH/UFBA - MAE - Museu de Arqueologia e Etnologia. etchvrm@ufba.br

1- Este artigo corresponde a uma versão resumida de alguns pontos mais importantes

tratados na tese de doutoramento “Étude de l’appropriation des ressources du milieu: les populations pré-coloniales sanfranciscaines, dans l’Etat de Bahia (Bresil), defendida no Musém National d’Histoire Naturelle, de Paris, e orientada pelo Dr. Denis Vialou. Os trabalhos de salvamento, dirigidos em campo por Verbena Galvão, foram realizados em 1988.

- 2- O Projeto de Salvamento Itaparica (PSAI) foi executado pela Universidade Federal de Pernambuco com coordenação da Professora Gabriela Martin, e pela Universidade Federal da Bahia, sob a coordenação do Professor Pedro Agostinho. Os trabalhos de salvamento foram finalizados em 1988.
- 3- A barragem de Itaparica foi construída pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), como parte de um programa amplo e longo de aproveitamento energético do rio.
- 4- Os dados climáticos foram fornecidos pela empresa Hidroservice, que realizou estudos por pedido da CHESF. (Hidroservice, 1987)
- 5- Os Tuxá tinham suas residências à beira do Rio São Francisco e suas roças nas ilhas próximas, em especial a Ilha da Viúva. Com a formação do lago da barragem os Tuxá foram transferidos o que provocou desajustes nas noções tradicionais de organização territorial, sistema produtivo, redes de relacionamentos, etc.
- 6- A região foi motivo de pesquisas etnológicas e etno-históricas por parte de integrantes do Programa de Pesquisas sobre Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB), da Universidade Federal da Bahia, desde os anos 70.



Figura 02 - O Rio São Francisco e as Várzeas (foto CHESF / Arquivo MAE/UFBA)



Figura 03 - A cidade de Rodelas na várzea do rio São Francisco (foto CHESF / Arquivo MAE/UFBA)



Figura 04 - Tabuleiro com cobertura vegetal de caatinga (foto CHESF / Arquivo MAE/UFBA)



Figura 05 - Abrigos de pé-de-serra Itacoatiara I (foto CHESF / Arquivo MAE/UFBA)



Figura 06 - Dunas de Surubabel, município de Rodelas (foto CHESF / Arquivo MAE/UFBA)



Figura 07 - Sítio Surubabel, Setor Paraíso (foto C. Etchevarne)



Figura 08a - Sítio Surubabel, setor paraíso -- enterramento n°6 (foto C. Etchevarne)



Figura 08b - Sítio Surubabel, setor paraíso -- enterramento n°6 (foto C. Etchevarne)



Figura 09 - Sítio Itacoatiara I - Painél com gravuras (foto arquivo MAE/UFBA)



Figura 10 - Sítio Itacoatiara I - Blocos com gravuras (foto Arquivo MAE/UFBA)



Figura 11 - Sítio Pedra da Moeda – Gravuras sobre afloramento rochoso da várzea sanfranciscana (foto Arquivo MAE/UFBA)

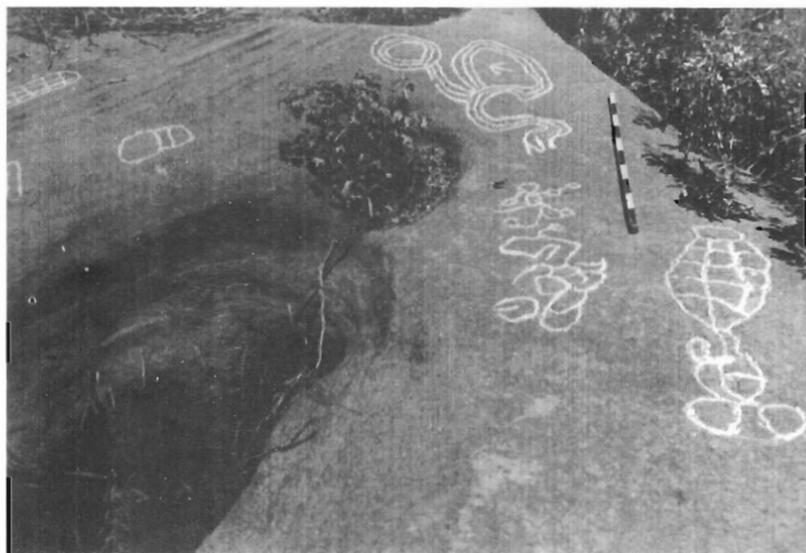


Figura 12 - Sítio Bebedouro das Pedras – Gravuras sobre lajedo (foto Arquivo MAE/UFBA)



Figura 13 - Sítio Surubabel – Raspador sobre lasca e raspador semicircular sobre Seixo (foto C. Etchevarne)



Figura 14 - Sítio Itacoatiara I – Furador e lasca retocada, sobre seixo de quartzo branco. (foto Arquivo MAE/UFBA)



Figura 15 - Sítio Itacoatiara I – Raspador sobre seixo e furador sobre seixo de quartzo branco (foto Arquivo MAE/UFBA)



Figura 16 - Sítio Surubabel, Setor Paraíso – Raspador sobre lasca, raspador sobre seixo e lasca retocada (foto C. Etchevarne)



Figura 17 - Sítio Surubabel, Setor Paraíso – Fragmentos de tembetás (foto Carlos Etchevarne)



Figura 18 - Sítio Surubabel, Setor Paraíso – Fragmentos de tembetás (foto C. Etchevarne)

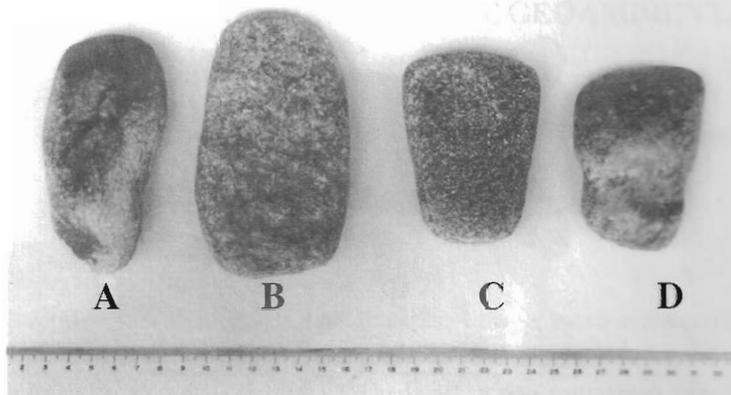


Figura 19 – Machados Polidos – A -Setor do Machado (Surubabel). B -Setor do Pierre (Jacó). C - Setor Jubiabá (Surubabel). D - Setor I.Q7 (Cabeça do Boi).



Figura 20 - Sítio Cabeça do Boi – Seixo com representação gráfica executada por picoteamento (foto C. Etchevarne)

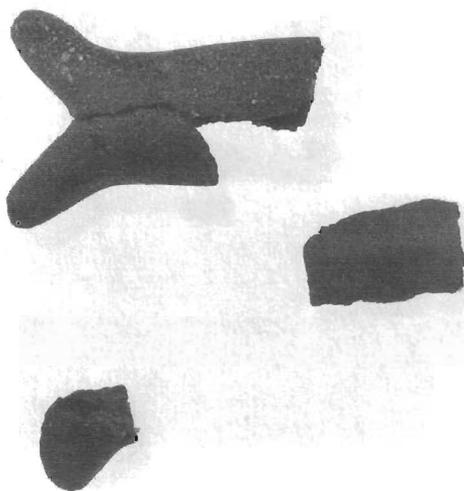


Figura 21 - Sítio Surubabel, Setor Paraíso – Fragmentos de cachimbo pisciforme (foto C. Etchevarne)

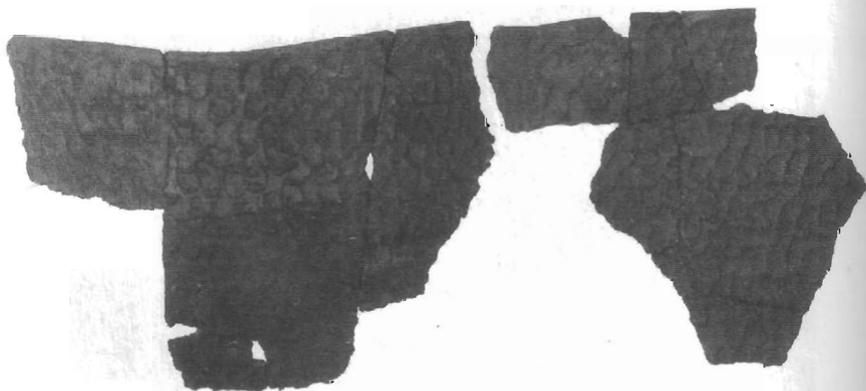


Figura 22 - Sítio João Tolentino – Fragmentos de vasilhame cerâmico corrugado (foto C. Etchevarne)